

França

Negada cidadania a homem que força mulher a usar véu

por PATRÍCIA VIEGASHoje



Marroquino não pode ser francês porque recusa valores da laicidade e igualdade, tão queridos à República Francesa.

A França vai recusar a nacionalidade a um marroquino que obriga a mulher a andar coberta com um véu islâmico da cabeça aos pés. A decisão foi ontem confirmada aos microfones da rádio Europe 1 pelo primeiro-ministro francês. "Eu vou assinar o decreto. A lei diz há muito que é possível recusar a naturalização a quem não respeitar os valores da República", disse François Fillon. O chefe do Governo usou os mesmos argumentos que já tinham sido apresentados pelo ministro do Interior, da Integração e da Identidade Nacional, Éric Besson.

"Na verdade, trata-se de um religioso radical que impõe o uso da burqa e uma separação entre homens e mulheres, que recusa apertar a mão às mulheres. Se este senhor não mudar de atitude, então não há lugar para ele neste país, não merece a nacionalidade. Ele rejeita os princípios da laicidade e da igualdade homem-mulher".

Esta é a primeira vez que a naturalização pela via do casamento é recusada por este motivo. Há dois anos, uma marroquina casada com um francês e com três filhos franceses viu-lhe recusada a nacionalidade por usar burqa. Mas nessa altura o argumento utilizado foi o da não-assimilação. A decisão veio do Conselho de Estado, máxima jurisdição administrativa, o qual sublinhou que uma "prática radical da religião é incompatível com os valores essenciais da comunidade francesa e nomeadamente da igualdade entre sexos".

A França lançou em Outubro um debate sobre a identidade nacional e o ministro Besson, um ex-socialista, nascido em Marrocos, tem sido um dos seus principais impulsionadores. Fortemente criticada pela oposição de esquerda, esta iniciativa vai na mesma linha da proposta de lei que o Governo de direita quer apresentar sobre a proibição do uso integral do véu. As mulheres muçulmanas usam essencialmente três tipos: o hijab, que cobre apenas os cabelos, o niqab, que tapa boca e nariz, deixando só

os olhos à mostra, a burqa, que tapa tudo, incluindo os olhos que são cobertos com uma renda muito fina.

A França é o país europeu com a maior comunidade muçulmana, ou seja, cinco milhões de pessoas. A maioria é oriunda de países magrebinos, como sejam Marrocos ou a Argélia. As leis aprovadas em prol da laicidade, um dos valores mais importantes e fundamentais para os franceses, não estão, por isso, isentas de polémica.

O actual chefe do Estado e ex- -ministro das Finanças e do Interior de França, Nicolas Sarkozy, é um acérrimo defensor desses valores da República. Em 2003, a lei Sarkozy impôs aos candidatos à naturalização o conhecimento dos direitos e dos deveres conferidos pela nacionalidade francesa. No ano seguinte outra lei proibiu o uso de símbolos religiosos nas escolas públicas. O hijab está entre os símbolos proibidos.

Há quatro anos uma actualização da lei Sarkozy precisou que práticas como a poligamia ou a mutilação de órgãos genitais eram exemplos de uma má assimilação. A França usa um modelo de integração segundo o qual têm que ser os imigrantes a adaptar-se à sua língua, história, estilo de vida. E não o contrário.